

Lis e as aves do Atol das Rocas





Lis e as aves do Atol das Rocas

2ª edição

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Lis e as aves do Atol das Rocas [livro eletrônico] /
coordenação Camila Garcia Gomes, Patrícia
Luciano Mancini, Maurizélia de Brito Silva;
ilustração Gilberto Amadeu da Cunha Júnior --
2. ed. -- Brasília, DF: Instituto Chico
Mendes - ICMBio, 2023.
PDF

ISBN 978-65-5693-082-4

1. Aves marinhas - Conservação 2. Aves marinhas -
Literatura infantojuvenil 3. Reserva Biológica do
Atol das Rocas I. Gomes, Camila Garcia. II. Mancini,
Patrícia Luciano. III. Silva, Maurizélia de Brito.
IV. Cunha Júnior, Gilberto Amadeu da.

23-183738

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Aves marinhas : Conservação : Literatura infantil
028.5
2. Aves marinhas : Conservação : Literatura
infantojuvenil 028.5

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima
Ministra do Meio Ambiente
Marina Silva

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
Presidente do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
Mauro Oliveira Pires

Diretor de Pesquisa, Avaliação e Monitoramento da Biodiversidade
Marcelo Marcelino de Oliveira

Coordenadora Geral de Estratégias para Conservação
Marília Marques Guimarães Marini

Coordenador de Identificação e Planejamento de Ações para Conservação - COPAN
Caren Cristina Dalmolin

Coordenação do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres - CEMAVE
Priscilla Prudente do Amaral

Equipe de coordenação e elaboração científica
Camila Garcia Gomes
Patrícia Luciano Mancini
Maurizélia de Brito Silva
Priscilla Prudente do Amaral
Márcio Amorim Efe
Larissa Schmauder Teixeira da Cunha
Equipe do COPAN

Apoio técnico
Mariana Gutierrez de Menezes - WWF-Brasil
Revisão científica

Elaboração de roteiro Jana del Favero
Ilustração Gilberto Amadeu da Cunha Junior
Diagramação Mariane Soares Pereira

Para contribuir com as ações do PAN Aves Marinhas entre em contato com a coordenação no e-mail: cemave.sede@icmbio.gov.br

Apoio
A ilustração e a diagramação da Coleção de Livros Infantis do PAN Aves Marinhas - **Lis e as aves do Atol das Rocas** foram financiadas com recursos do Global Environment Facility (GEF) por meio do Projeto 029840 - Estratégia Nacional para a Conservação de Espécies Ameaçadas - Pró-Espécies: Todos contra a extinção.

O projeto Pró-Espécies é coordenado pelo Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima (MMA) e implementado pelo Fundo Brasileiro para a Biodiversidade (Funbio), sendo o WWF-Brasil a agência executora.

Introdução

A Reserva Biológica do Atol das Rocas, criada em 1979, foi a primeira Unidade de Conservação Marinha brasileira. Essa área protegida tem como objetivos promover a pesquisa científica e a proteção da biodiversidade. Localiza-se na costa do Rio Grande do Norte, a aproximadamente 270 quilômetros da costa do município de Natal.



Foto: Alice Grossman

O Atol das Rocas é o único atol do oceano Atlântico Sul. Um atol é um recife de coral com em forma um anel localizado na boca de um vulcão extinto e submerso com uma lagoa no interior. O Atol das Rocas abriga as ilhas do Farol e do Cemitério, que são as únicas áreas que se mantêm acima do nível do mar durante a maré alta.



Foto: Alice Grossman

Juntas, elas somam aproximadamente o tamanho de 23 campos de futebol e têm uma altura máxima de três metros.



Foto: Alice Grossman



Foto: Maurizélia de Brito Silva

Já na maré baixa, o anel de recifes fica exposto revelando as mais belas piscinas naturais, com diversos tamanhos e com profundidades de até seis metros. As piscinas do Atol das Rocas são verdadeiros aquários naturais.



No Atol está localizada a maior colônia de aves marinhas tropicais do Brasil. São ao menos 150 mil aves, sendo que quase 30 espécies diferentes já foram registradas por lá.

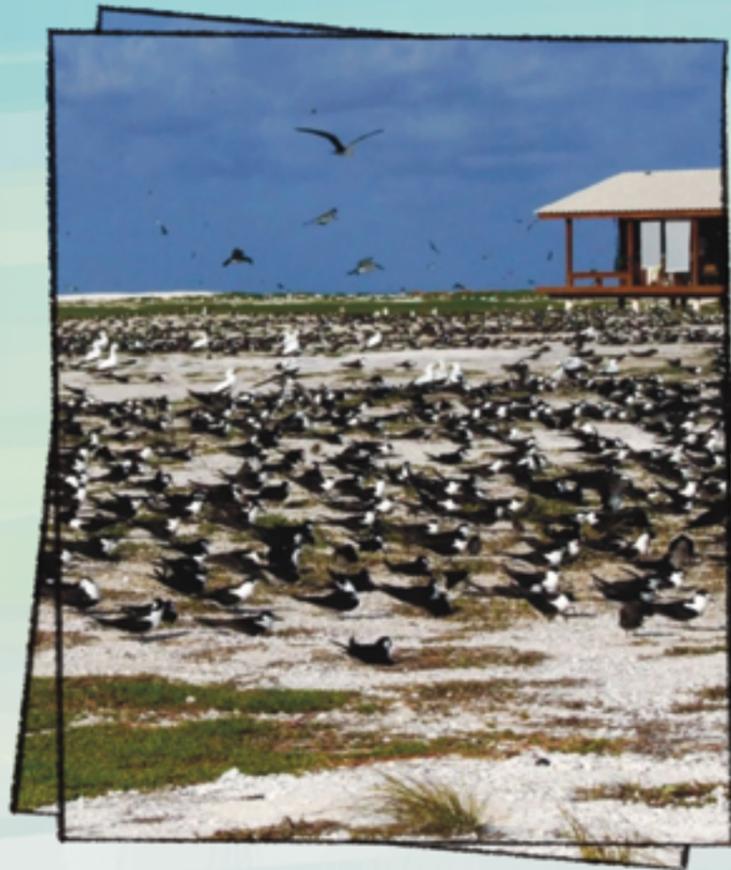


Foto: Maurizélia de Brito Silva



Foto: Maurizélia de Brito Silva

Cinco delas nidificam no Atol, tanto na Ilha do Farol quanto na Ilha do Cemitério: atobá-mascarado (*Sula dactylatra*), atobá-marrom (*Sula leucogaster*), trinta-réis-do-manto-negro (*Onychoprion fuscatus*), viuvinha-marrom (*Anous stolidus*) e viuvinha-negra (*Anous minutus*).

Assim, o Atol das Rocas, juntamente com o Arquipélago de Fernando de Noronha, são consideradas importantes áreas para a reprodução de aves marinhas no Brasil.



Foto: Maurizélia de Brito Silva



Foto: Maurizélia de Brito Silva

Vamos conhecer um pouco mais sobre essas espécies?



Lis aguardava ansiosamente a chegada do barco que a levaria para o Atol das Rocas. Essa era sua primeira expedição como pesquisadora e queria que fosse perfeita. Já havia conferido três vezes tudo que estava nas suas malas: anilhas de diferentes tamanhos para marcar diferentes espécies de aves, puçás para capturá-las, cadernetas, binóculos, máquina fotográfica, itens pessoais, comida e até mesmo toda a água que beberia durante a expedição.



Ela iria começar a conferir todo o equipamento pela quarta vez, quando o barco onde viajaria por quase um dia inteiro chegou na cidade de Natal. Lis então embarcou rapidinho e se despediu, em pensamentos, dos banhos de água doce, da televisão e até mesmo do vaso sanitário.



Conforme o barco se afastava da costa e se aproximava do Atol, mais e mais aves eram avistadas pescando. Durante o pôr-do-sol, Lis percebeu que todas as aves voavam rumo ao Atol e começaram a voltar para a casa. Aquela que também seria sua casa no próximo mês.

Porém, só no dia seguinte Lis conseguiu avistar o paraíso de areias brancas e águas cristalinas chamado Atol das Rocas. Apesar do visual deslumbrante, o que mais chamava sua atenção eram os sons de milhares de aves cantando ao mesmo tempo, como se quisessem dar boas-vindas à nova pesquisadora.



Enquanto se aproximava da Ilha do Farol, agora em um pequeno bote inflável, notou Zezé, chefe da Reserva Biológica do Atol das Rocas, acenando na porta da única casa construída no local. A casa era de madeira e nela havia uma parte destinada para guardar os equipamentos de pesquisa, três alojamentos, uma copa e uma pequena cozinha.

Um total de cinco pessoas podem dormir no local, em sua maioria pesquisadores interessados nos mais diversos temas: tartarugas, peixes, recifes, entre tantos outros.





Lis achou curioso como a pequena casa havia sido construída sobre palafitas, no meio de um ninhal de viuvinhas-marrons. Entretanto, essas aves pareciam não se incomodar com a construção, pousando no telhado, antenas e nas placas solares que fornecem energia para a casa.



Algumas viuvinhas-marrons até aproveitam a varanda para construir seus ninhos.



Já no primeiro dia de trabalho, Lis capturou um atobá-marrom que havia feito seu ninho com gravetos, folhas secas, penas e pedras na Ilha do Cemitério. Entre tantos outros atobás-marrons que estavam por lá, esse nasceu e foi anilhado no estado de Santa Catarina, a mais de 3 mil quilômetros dali.



Lis ficou impressionada como essa ave havia viajado por quase toda a costa do Brasil e logo entendeu a importância das anilhas para o monitoramento da dispersão das aves.

A pesquisadora encantou-se também com a quantidade de atobás-de-pé-vermelho e fragatas observadas no Atol e que haviam sido anilhadas em Fernando de Noronha. Zezé explicou que essas espécies não se reproduzem no Atol e costumam ser anilhadas ainda no ninho. Elas constroem seus ninhos em árvores e arbustos.

No Atol há poucos poleiros disponíveis, então as espécies que ali se reproduzem são aquelas que fazem seus ninhos no solo ou sobre a vegetação rasteira. Entretanto, os atobás-de-pé-vermelho e as fragatas que se reproduzem em Noronha são visitantes frequentes no Atol, utilizando a área para descansar e se alimentar.

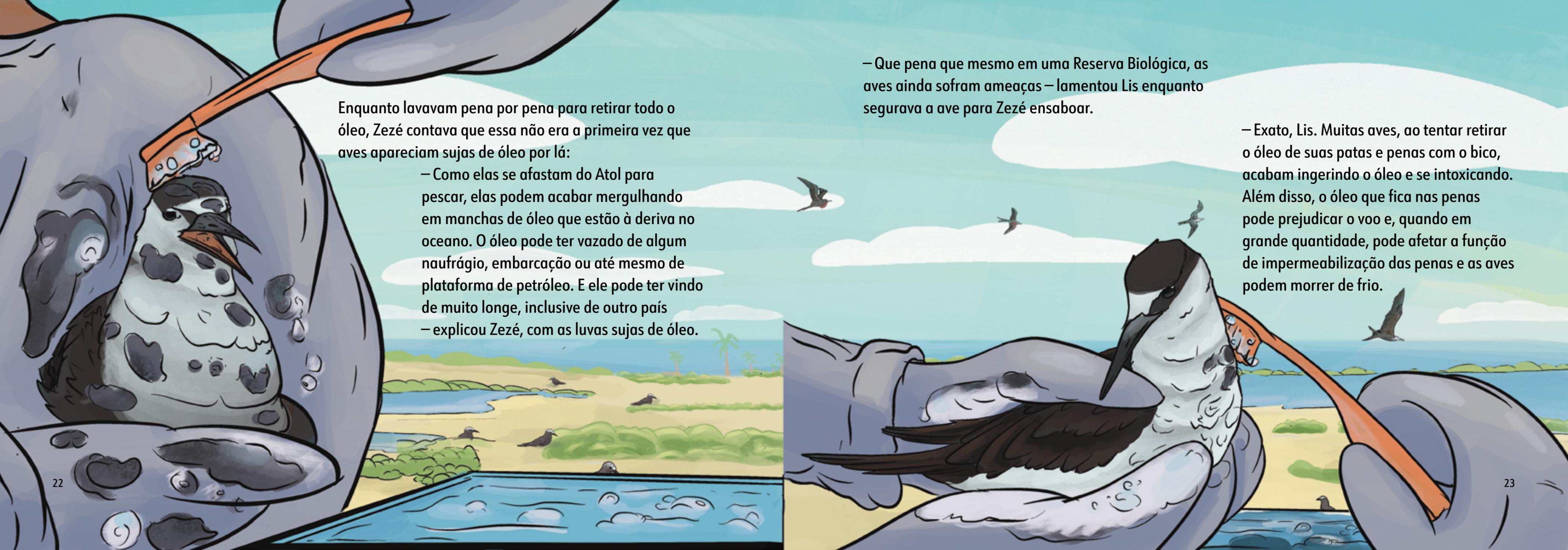


No segundo dia de trabalho, Zezé acordou Lis para ajudá-la a socorrer um pequeno grupo de trinta-réis-do-manto-negro que estavam sujos de óleo.



Por mais que haja muitos indivíduos dessa ave, também conhecida como trinta-réis-das-rocas, se reproduzindo no Atol, Lis não achou justo deixar um único indivíduo morrer por causa da poluição provocada pelos humanos e pulou da cama para ajudar Zezé.





Enquanto lavavam pena por pena para retirar todo o óleo, Zezé contava que essa não era a primeira vez que aves apareciam sujas de óleo por lá:

- Como elas se afastam do Atol para pescar, elas podem acabar mergulhando em manchas de óleo que estão à deriva no oceano. O óleo pode ter vazado de algum naufrágio, embarcação ou até mesmo de plataforma de petróleo. E ele pode ter vindo de muito longe, inclusive de outro país
- explicou Zezé, com as luvas sujas de óleo.

– Que pena que mesmo em uma Reserva Biológica, as aves ainda sofrem ameaças – lamentou Lis enquanto segurava a ave para Zezé ensaboar.

– Exato, Lis. Muitas aves, ao tentar retirar o óleo de suas patas e penas com o bico, acabam ingerindo o óleo e se intoxicando. Além disso, o óleo que fica nas penas pode prejudicar o voo e, quando em grande quantidade, pode afetar a função de impermeabilização das penas e as aves podem morrer de frio.

Porém, essa não é a única ameaça que nos deparamos aqui no Atol – continuou Zezé – nós ainda encontramos aves que comeram lixo ou que se enroscaram em pedaços de rede e linhas de pesca. E olhe que a pesca ao redor do Atol está proibida há muitos anos.

– E como era antes da proibição da pesca? – Perguntou Lis.

– Ah, era bem pior – respondeu Zezé. Os pescadores se alimentavam dos ovos das aves, usavam os filhotes como iscas em armadilhas para lagostas e havia mais lixo no Atol. É lógico que ainda morrem aves no Atol, mas atualmente a maioria das mortes são por causas naturais, como, por exemplo, ninhos com ovos e filhotes que são pisoteados por tartarugas que deixam a água para desovar.

Ao notar a cara triste de Lis, Zezé mudou o foco da conversa falando:

– Repare como o ciclo da vida é lindo aqui, Lis. As carcaças logo viram um delicioso banquete para os caranguejos e outros animais. Eles comem tudinho e não deixam nem o cheiro!

E assim os dias foram passando, entre conversas com Zezé, monitoramento das aves, retirada de lixo das praias e serviços domésticos. Quando Lis já estava acostumada com a rotina, com os banhos salgados e com a cantoria das aves, chegou o momento de retornar para o continente.



Ela se despediu de Zezé com o coração apertado. Porém, carregava consigo muitos aprendizados, informações e amostras para serem estudadas em laboratório. Sabia que seu trabalho e sua luta para conservar as aves marinhas estava apenas começando, mas sorria esperançosa pois sabia que não estava sozinha.



Jogos e atividades

Ligue os pontos: Vamos conhecer como as aves apresentadas no livro se parecem de verdade? Ligue o desenho à fotografia.



ATOBA-DE-PÉ-VERMELHO
Sula sula



VIUVINHA-MARROM
Anous stolidus



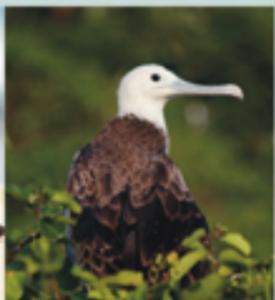
ATOBA-MARROM
Sula dactylatra



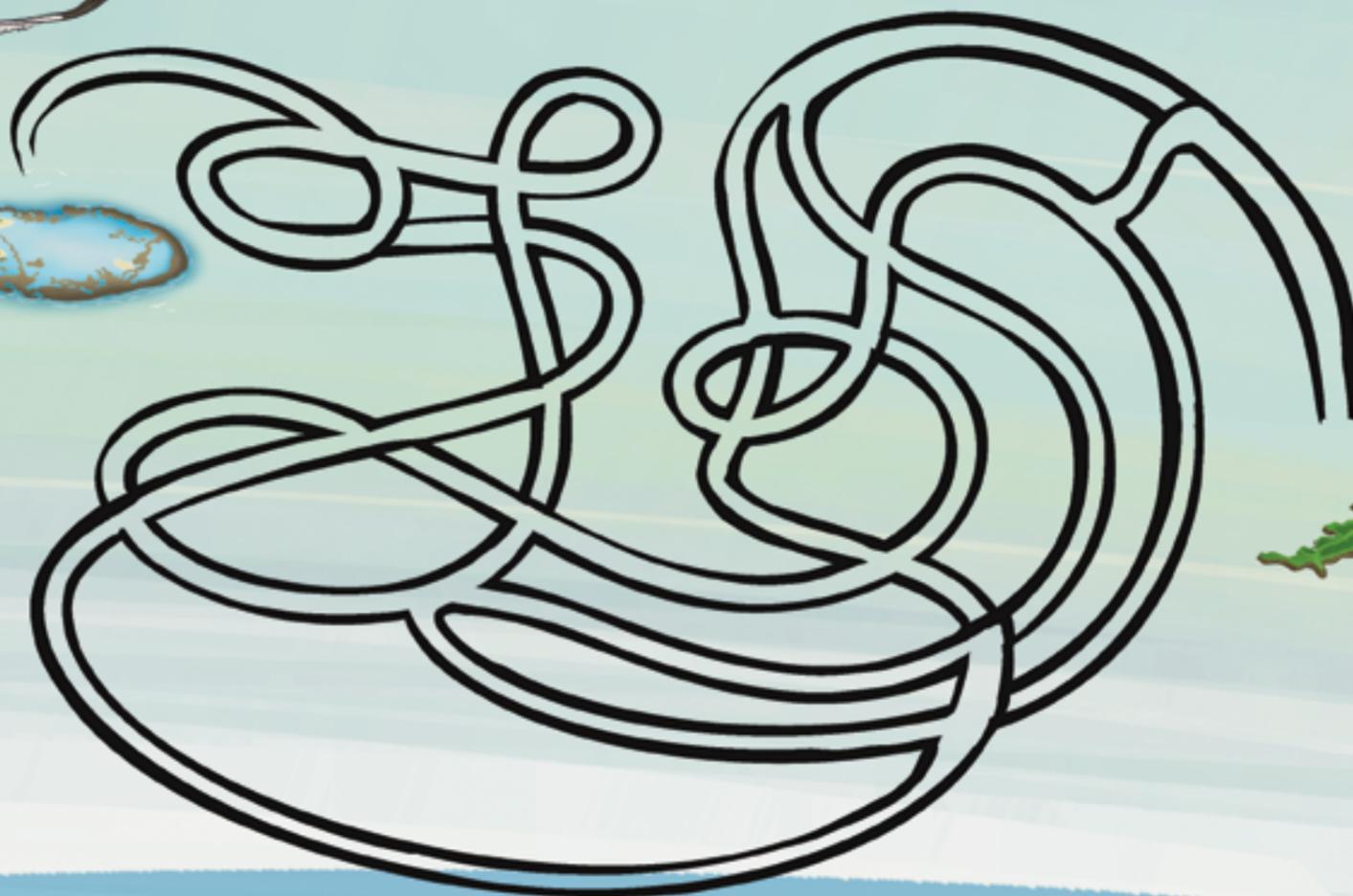
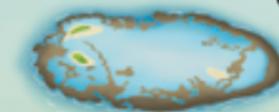
FRAGATA
Fregata magnificens



TRINTA-RÉIS-DAS-ROCAS
Onychoprion fuscatus



Labirinto: Quase 150 quilômetros separam Fernando de Noronha do Atol das Rocas. Mesmo assim, muitos atobás-de-pé-vermelho que se reproduzem em Noronha visitam com frequência o Atol para descansar e se alimentar. Vamos ajudar esse atobá-de-pé-vermelho a retornar para o seu ninho?



Lis explica: o que é um atol?

Um atol é formado, geralmente, a partir da concentração de corais ao redor de pequenas ilhas de origem vulcânica. Com o passar dos anos, de milhões de anos na verdade, a parte central da ilha vulcânica pode afundar, ficando apenas um anel de corais e uma lagoa de água salgada no seu interior. A essa ilha oceânica em formato de anel, com estrutura coralínea, que damos o nome de atol.

Os atóis são ambientes muito raros, frágeis e ricos em vida marinha.



Grande parte deles estão localizados no Oceano Pacífico, mas o Brasil possui um atol para chamar de seu: o Atol das Rocas!



Por essas razões, a maioria dos atóis existentes no mundo são protegidos por leis ambientais.

Desenho para colorir



Glossário

Nome científico	Nome comum do Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO)	Nomes regionais nas ilhas
 <i>Anous minutus</i>	trinta-réis-preto	Noronha: viuvinha-preta; Atol das Rocas: viuvinha-negra
 <i>Anous stolidus</i>	trinta-réis-escuro	Noronha e Atol das Rocas: viuvinha-marrom; Abrolhos: beneditos
 <i>Fregata magnificens</i>	fragata	Noronha: catraia
 <i>Gygis alba</i>	grazina	Noronha e Atol das Rocas: noivinha
 <i>Onychoprion fuscatus</i>	trinta-réis-das-rocas	Noronha: trinta-réis; Abrolhos: trinta-réis-de-rocas; Atol das Rocas: trinta-réis-do-manto-negro
 <i>Phaethon aethereus</i>	rabo-de-palha-de-bico-vermelho	Noronha: rabo-de-junco-de-bico-vermelho; Abrolhos: rabo-de-junco-de-bico-vermelho ou grazina-do-bico-vermelho
 <i>Phaethon lepturus</i>	rabo-de-palha- de-bico-laranja	Noronha: rabo-de-junco-de-bico-amarelo; Abrolhos: rabo-de-junco-de-bico-laranja ou grazina-do-bico-laranja
 <i>Puffinus lherminieri</i>	pardela-de-asa-larga	Noronha: pardela-de-asa-larga
 <i>Sula dactylatra</i>	atobá-grande	Noronha: mumbembo-mascarado; Abrolhos: atobá-branco; Atol das Rocas: atobá-mascarado
 <i>Sula leucogaster</i>	atobá-pardo	Noronha: mumbembo-marrom; Abrolhos e Atol das Rocas: atobá-marrom
 <i>Sula sula</i>	atobá-de-pé-vermelho	Noronha: mumbembo-de-pé-vermelho

Realização:



Apoio:



MINISTÉRIO DO
MEIO AMBIENTE E
MUDANÇA DO CLIMA



<https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/pan/pan-aves-marinhas>